

# Abertura em 2ST

por Álvaro Chaves Rosa

## 1. Introdução.

A grande maioria dos sistemas de base natural inclui uma abertura natural em 2ST, mostrando uma mão equilibrada forte, sendo a faixa mais frequentemente adoptada a dos 20-21 pontos. Esta abertura, por colocar o leilão imediatamente a um nível muito elevado, coloca questões interessantes sob diversos pontos de vista. Na primeira parte deste artigo irei debruçar-me sobre questões “estratégicas” em torno da própria voz de abertura, sendo a segunda parte dedicada aos desenvolvimentos do leilão.

## 2. Abrir em 2ST?

De um modo geral, os jogadores *gostam* de abrir em 2ST. Ter na mão metade dos pontos do baralho proporciona sempre (ainda que por motivos pouco racionais) uma sensação agradável. Eu confesso que, embora não seja imune à ligeira euforia de estar a olhar para 20-21 pontos, *não gosto* de ter que abrir em 2ST.

Se tivermos 20-21 pontos numa mão equilibrada “banal” (4432 ou 4333), e se o sistema adoptado preconiza uma abertura em 2ST nessa faixa, não há que pensar. O mesmo se aplica a uma distribuição 5332 com menor quinto. Há, no entanto, diversos tipos de mãos que, quando se encontram nesta zona de pontos, *podem ou não* ser abertas em 2ST. Exemplos disso são:

- (a) 5332 com maior quinto;
- (b) 6322 com menor longo;
- (c) tricolores (4441) com figura grande seca;
- (d) bicolores semi-equilibrados (5422).

A alternativa mais óbvia, em todos estes casos, é abrir simplesmente em 1 no naipe adequado (embora nalguns casos se possa equacionar também a hipótese de uma abertura em 2 forte ou equivalente). O que eu recomendo, *a priori*, é que se adopte alguma *flexibilidade*, deixando para cada caso concreto à mesa a avaliação sobre se se deve abrir de uma ou outra maneira. Importante é ter bem presentes os prós e os contras de cada opção.

A principal razão que pode levar a optar por abrir em 2ST é o receio de “perder uma partida”. Dito de outro modo, o receio de que o parceiro *passede* a uma abertura de 1 em naipe com uma mão que, embora fraca (menos de 6 pontos, digamos), seja suficiente para haver partida face aos 20-21 do abridor.

Na minha opinião, este receio é, de um modo geral, *sobrevalorizado*, pelo menos quando se trata de uma abertura em naipe *menor*. Por um lado, a abertura de 1 em menor deixa muito espaço para *alguém* entrar no leilão, possibilitando ao abridor voltar a falar para mostrar a força da mão. Por outro lado, em muitos casos os 4 ou 5 pontos que se possa encontrar na mão do parceiro *não são suficientes* para cumprir um contrato de partida.

A questão é um pouco diferente sobre abertura em naipe *maior*, não só por esta fazer baixar a probabilidade de intervenção adversária no leilão, mas também porque neste caso, se houver um bom fit e alguma distribuição, não é preciso quase nada em frente à abertura para se poder cumprir um contrato ao nível quatro. Ter presente, no entanto, que, se o sistema de respostas a 2ST não permitir detectar facilmente um naipe maior quinto do abridor, corre-se o risco de um fit 5-3 ficar por descobrir.

Uma outra razão para se preferir abrir em 2ST poderá ser a de mostrar imediatamente a força e a distribuição aproximada da mão, sem perturbações. À primeira vista, pode parecer uma razão muito válida, mas o assunto merece uma análise mais ponderada. Por um lado, se é certo que a força da mão fica bem definida, o mesmo não se passa com a distribuição – tanto mais se admitirmos aberturas com distribuições semi-balançadas como as dos exemplos (b) a (d) acima. Por outro lado, não esquecer que se está a fazer esta clarificação imediata à custa de colocar o leilão directamente ao nível de 2ST. O efeito de barragem afecta não só os adversários como o próprio campo do abridor, pois como é óbvio o leilão construtivo sobre a abertura em 2ST é extremamente deficiente, devido ao pouco espaço de marcação disponível.

Além disso, um aspecto a não negligenciar é que 2ST muitas vezes já é um nível demasiado elevado, quando o parceiro do abridor tiver um jogo nulo ou quase. Nesse caso, o facto de se ter aberto em 2ST, quando se poderia ter ficado a cumprir pacatamente 1♣ ou 1♦ (ou a dar cabides num contrato adversário em maior), não é particularmente gratificante.

Do outro lado da balança, há que considerar que, ao optarmos por abrir certas mãos em 1 no naipe (e não em 2ST), podemos estar a criar um problema grave de *rebide*. É esse, notoriamente, o caso das mãos do tipo (a). Mesmo que se utilize o rebide de 3ST como natural (o que, diga-se de passagem, não é a tendência moderna), essa forma de descrever a mão está longe de ser ideal, não só pelo dispêndio de espaço de marcação, como pelo facto de muito frequentemente se dar azo uma colocação “errada” do *sem trunfo*.

Outrora, uma abertura em 2ST com um pequeno doubleton seria considerada um erro grave. Hoje em dia, muitos jogadores de primeiro plano consideram-na perfeitamente aceitável, em particular pelo facto de após uma abertura de 1 em menor não haver rebide satisfatório. (Tanto mais que, mesmo que seja utilizado neste caso o rebide de 3ST como natural, ele é normalmente utilizado para descrever uma mão de tipo unicolor, forte demais para um rebide de 3 no naipe). Isso não implica que, em certos casos, não se opte mesmo por “mentir” um pouco: com ♠AD86 ♥54 ♦RDV ♣ARD8, é interessante a alternativa de abrir em 1♣, com a intenção de, sobre respostas prováveis de 1♦ ou 1♥, anunciar uma inversa rebidando 2♠. E se 1♣ encerrar o leilão, quem nos diz que não estamos no contrato ideal?

Há jogadores que gostam tanto de abrir em 2ST que se “esticam” às vezes para o fazer não só com mãos dos tipos semi-balançados já referidos, mas também com outras mais “desviadas”, como por exemplo com 19 pontos “bem feitos”, ou com certas distribuições 6331 ou 5431 com ás ou rei seco. Não digo que ocasionalmente isso não possa obter excelentes resultados; mas, sinceramente, não me parece que a longo prazo seja uma estratégia ganhadora.

Para concretizar ideias acerca de alguns dos pontos focados, vamos analisar uma série de exemplos de mãos do abridor face a três possíveis mãos do respondente:

Mão A	Mão B	Mão C
♠V64	♠6	♠V10642
♥R74	♥V742	♥R
♦V86	♦V86	♦D86
♣9542	♣97542	♣9542

Para simplificar a análise, vamos considerar que se trata de *torneio de pares*, ninguém vulnerável e abridor em primeira posição.

#### EXEMPLO 1 (5332 com maior quinto):

♠AD3

♥D8653

♦AR

♣RDV

**Face à mão A:**

Se abrirmos em 1♥, há uma forte possibilidade de ser esse o contrato final. Se abrirmos em 2ST, o contrato final poderá ser 4♥ *se* houver pesquisa do fit 5-3, senão 3ST. O contrato de 4♥ precisa de muita sorte para cumprir; 3ST é ainda pior contrato, e mesmo 2ST está longe de garantido.

#### Face à mão B:

Se abrirmos em 1♥, já é mais provável vir-se a aterrar em 4♥, ou porque o respondente dê um apoio de barragem em 3♥ (desde que adoptado no sistema, o que revela uma vantagem colateral de se adoptar apoios Bergen ou similares...), ou porque os adversários, com 17 pontos e nove espadas em linha, dêem uma “ajudinha” entrando no leilão. Se abrirmos em 2ST, será esse o contrato final (a mão B é fraca demais para arriscar uma pesquisa de fit a copas). Agora, 4♥ só precisa de não perder mais do que dois trunfos (além do ás de paus), o que não é pedir muito. Quanto a 2ST, tem algumas hipóteses mas é candidato ao cabide.

#### Face à mão C:

Abrindo em 1♥, após a resposta de 1♠ o abridor é confrontado com um problema de rebide. Mesmo que a voz de 3ST seja natural, o consumo de espaço de marcação faz com que o respondente não disponha dos meios para decidir correctamente entre jogar 3ST ou 4♠ (melhor neste caso). Uma alternativa é “inventar” um bicolor com salto, rebidando 3♣, mas isso pode acarretar outras complicações (como por exemplo o respondente meter na cabeça que a mão deve ser jogada em paus).

Se a abertura for em 2ST, o contrato de 4♠ será atingido sem problemas.

Nos dois primeiros casos, a opção por abrir em 2ST não traz ganho nenhum, pelo contrário, relativamente à opção de abrir em 1♥. No último caso, a conclusão é exactamente a inversa.

O naipe de copas, neste exemplo, foi deliberadamente construído como fraco. Se o naipe for bom, por exemplo com a mão ♠A93 ♥RDV103 ♦AR ♣RV8, a alternativa de abrir em “2 forte” (seja em 2♥ natural, ou via 2♣ forte indeterminado), desde que permitida pelo sistema, pode ser preferível.

#### EXEMPLO 2 (6322 com menor longo):

♠AD

♥AD5

♦R109532

♣AD8

**Face à mão A:**

Se abirmos em 1♦, esse será provavelmente o contrato final. Se ocorrer uma intervenção em espadas, o campo do abridor acabará provavelmente a jogar 3♦, ou mesmo 3ST (que é uma boa aposta do abridor se, em situação competitiva, receber um apoio voluntário a ouros). Se abirmos em 2ST, jogaremos 3ST, contrato que, principalmente carteadado pela mão forte, não oferece problemas.

**Face à mão B:**

Após abertura em 1♦, uma quase certa intervenção adversária (agora com *dez* espadas em linha) levará provavelmente o campo do abridor, após um leilão competitivo, a defender contra 3♠ (ou mesmo 4♠). A abertura em 2ST será quase sempre seguida de três passes.

O resultado contra um contrato em espadas depende da colocação das cartas adversárias, mas é *provável* a defesa conseguir averbar pelo menos cinco vazas. Quanto a 2ST, não é um contrato desesperado, mas pode muito bem ir para o cabide, mesmo com a provável oferta de uma vaza na saída.

**Face à mão C:**

Abrindo em 1♦, qual é o rebide “correcto” sobre a resposta de 1♠? Mesmo que 3ST “natural” esteja disponível, não deve esse rebide ser reservado para uma mão com um naipe de ouros mais autónomo? O rebide de 3♦ é manifestamente insuficiente (além do facto de o naipe ser fracote), e inventar uma inversa (dizendo 2♥) pode ter efeitos indesejáveis. Além disso, após o leilão 1♦-1♠-3ST, o respondente não tem maneira de mostrar as cinco espadas, sendo forçado à decisão de deixar jogar 3ST (que, neste caso, é preferível). Note-se também que o cheleme em ouros não é totalmente desrazoável. Abrindo em 2ST, jogar-se-á o contrato correcto de 3ST, após o respondente ter podido mostrar o seu naipe quinto de espadas.

Embora no caso da mão B a conclusão não seja muito clara, este exemplo já parece mais favorável à opção de abrir em 2ST (e estou convencido de que muitos jogadores de bom nível optariam por ela). Um aspecto importante é a existência de “fourchettes” em todos os naipes. Por outro lado, uma abertura em “2 forte” também não é descabida, tendo como senão apenas a insuficiente qualidade do naipe de ouros.

**EXEMPLO 3 (tricolor com figura seca):**



♠AD93

♥AD85

♦A1093

♣A

**Face à mão A:**

Tal como no exemplo anterior, a abertura em 1♦ conduzirá provavelmente a jogar 1♦ (que cumpre confortavelmente), e 2ST conduzirá a 3ST (que cabida placidamente).

**Face à mão B:**

A abertura, quer seja em 1♦ ou em 2ST, será seguida de três passes. Olhando para as duas mãos, é fácil concluir que a mão deveria ser jogada em *copas* (com boas hipóteses de fazer 10 vazas, aliás). O contrato de 1♦, embora não ideal, tem a vantagem de ser facilmente cumprível, o que já não se pode dizer de 2ST.

**Face à mão C:**

O contrato final mais provável, quer sobre 1♦, quer sobre 2ST, é 4♠ (embora o cheleme seja razoável).

No conjunto, a abertura em 2ST revela-se neste exemplo como *desvantajosa*, face à alternativa da abertura natural em 1♦. As mãos tricolores são sempre problemáticas, de tal modo que alguns sistemas reservam vozes de abertura para mostrar especificamente mãos deste tipo. Por outro lado, a abertura em sem trunfo com uma figura grande seca tem, do meu ponto de vista, mais razão de ser ao nível de 1ST, pois nesse caso não só tem mais a ganhar (pelo efeito de barragem), como, fundamentalmente, *tem menos a perder*.

**EXEMPLO 4 (doubleton fraco):**

♠AD3

♥85

♦AR102

♣ADV8

**Face à mão A:**

A abertura em 2ST conduz ao contrato de 3ST, que, mesmo que o rei de copas “seja vaza” (ás bem colocado), precisa de muita sorte adicional para cumprir. Se se optar por *não* abrir em 2ST, há que escolher não só uma abertura mas um *plano*. Normalmente, com 4-4 nos menores abre-se em 1♦, mas neste caso, já que de qualquer modo iremos “mentir”, parece-me preferível optar por abrir em 1♣, para rebidar 2♦, o que mantém o leilão a um nível mais económico do que rebidar 3♣ após ter aberto em 1♦. Para o caso presente, o rebide planeado é irrelevante, visto que a abertura de 1 em menor marcará o contrato final, que cumpre confortavelmente em qualquer dos casos.

#### **Face à mão B:**

A abertura em 2ST encerrará o leilão, ao passo que uma abertura em menor poderá suscitar um leilão competitivo com intervenção adversária em espadas. O respondente será mais lesto a competir, como é óbvio, se a abertura tiver sido em 1♣. De qualquer modo, é provável que o leilão não acabe abaixo do nível de 3♠, sendo igualmente provável que o campo do abridor marque pontos na sua coluna. O contrato de 2ST tem algumas hipóteses, mas muitas vezes não irá ser cumprido.

#### **Face à mão C:**

O contrato final mais provável, em qualquer dos casos, é 4♠. No caso de abertura em menor (principalmente em 1♣), não é impossível, porém, “aterrar-se” no honesto (embora inferior) contrato de 5♣.

À semelhança do exemplo anterior, a abertura em 2ST parece ser globalmente *desvantajosa* - embora muitos jogadores possa considerá-la “obrigatória” com esta mão.

É óbvio que os exemplos aqui analisados não chegam para retirar conclusões definitivas sobre esta temática. O que eles mostram, em todo o caso, é que não se perde nada em manter a flexibilidade suficiente para, em cada situação concreta, decidir entre dar a voz “do sistema” ou voluntariamente infringi-lo.

### **3. Marcar a partida?**

Quando o leilão se inicia ao nível de 2ST, o respondente não tem espaço para fazer *convite* a partida. Com uma mão de força marginal, tem que decidir sozinho entre jogar um parcial (passando a 2ST ou, após uma voz de transfer maior, passando a uma correcção simples do abridor) ou um contrato de partida.

Quando a questão está meramente entre jogar 2ST ou 3ST, a aritmética dos pontos pode ser enganadora. Todos nós aprendemos a marcar 3ST a partir de 25 pontos de honra no conjunto das duas mãos. No entanto, quando a disparidade de força entre as duas mãos é muito grande, como é o caso de um abridor com 20-21 pontos face a um respondente com 4-5 pontos, as contas *não podem ser feitas assim*. A mão fraca geralmente não disporá de mais do que uma entrada (às vezes nem isso), o que limita enormemente as opções de carteio do declarante. Há passagens que deixa de poder fazer, vendo-se forçado a “jogar do peito”. Mesmo um hipotético naipe longo do morto pode muitas vezes ser facilmente neutralizado pelo flanco, com o adequado recuo de uma carta mestra.

Aliás, basta ver o que se passa no caso da mão A, no conjunto de exemplos analisados atrás. Há sempre 25-26 pontos em linha, mas 3ST é um mau contrato em todos menos o segundo dos quatro exemplos. (E, nesse caso, isso deve-se à “fonte de vazas” proporcionada pelo naipe longo do abridor, que faz a mão valer mais do que os 21 pontos de honra).

O que eu recomendo é que, com mãos (semi-)balançadas de 4-5 pontos, se *passse* à abertura, excepto com mais valias evidentes em termos de presença de cartas intermédias (9 e 10) e colocação das figuras. Em particular, embora na análise dos exemplos anteriores eu tenha assumido que o detentor da mão A marcaria 3ST sobre a abertura em 2ST, devo dizer que com essa mão eu não hesitaria em *passar*.

Esta questão coloca-se ainda mais agudamente sobre uma abertura ou sequência que mostre uma mão balançada mais forte, nomeadamente 22-23 pontos. (Tais mãos são frequentemente anunciadas por meio de um 2♣ forte indeterminado ou de um 2♦ multicolor, seguidos de um rebide de 2ST). Pelas razões já invocadas, é fácil perceber que mãos com 2 ou 3 pontos em frente não fornecerão, geralmente, o complemento adequado para permitir cumprir 3ST.

#### **4. Desenvolvimentos de 2ST.**

Em termos de leilão construtivo, a relativa *precisão* da abertura em 2ST (digamos 20-21 pontos) não compensa de modo nenhum o facto de o sistema de respostas se iniciar ao nível *três*. O espaço disponível para descrição das mãos é mínimo, o que tem consequências negativas não tanto ao nível da marcação de partida, mas principalmente no que diz respeito à pesquisa de cheleme.

Um primeiro aspecto a considerar é que praticamente *não há espaço para convites* - tanto de partida, como de cheleme. Com uma mão *marginal*, o respondente tem que decidir sozinho entre ficar no parcial ou marcar a partida, ou entre ficar pela partida e "arrancar" para cheleme - isto com poucos casos de excepção, em que o abridor tenha possibilidade de manifestar algum sinal de entusiasmo após a localização de um fit.

Se o *nível* de contrato ambicionado, pelo acima exposto, tem que ser estabelecido pelo respondente - e muitas vezes "a olho" -, pelo menos no que respeita à *denominação* do contrato devemos procurar que, dentro das limitações existentes, o sistema permita detectar a existência ou inexistência de fit. Infelizmente, nem sempre isso é possível - principalmente no que se refere aos fits nos menores, aos quais como habitualmente cabe o papel de parentes pobres.

Mas mesmo em relação aos naipes maiores, a tarefa de localização do fit não é tão linear como, por exemplo, no caso da abertura em 1ST. Um factor de perturbação adicional (para além da inerente falta de espaço) é o de a abertura em 2ST poder perfeitamente comportar uma distribuição 5332 *com maior quinto*, que na zona de força especificada não tem melhor alternativa de abertura (ao passo que na zona do 1ST existe a alternativa, de resto por muitos considerada obrigatória, de abrir em 1 do naipe). Mesmo que se opte por utilizar uma convenção como o "Puppet Stayman" (muito mais popular, sintomaticamente, sobre a abertura em 2ST do que sobre 1ST), que permite a localização de um eventual maior quinto do abridor, há casos de falha, como adiante se verá.

#### 4.1. Sistema "standard" de respostas.

Qual é o sistema "standard" de respostas a 2ST? Não é muito fácil responder a esta questão. Há coisa de dez ou quinze anos, penso que a esmagadora maioria dos bridgistas nacionais utilizaria o seguinte esquema "clássico" de respostas (até 3ST):

3♣ = Baron

3♦ = *transfer* para ♥ (5 cartas ou +)

3♥ = *transfer* para ♠ (5 cartas ou +)

3♠ = 5♠ + 4♥

3ST = conclusão.

Gradualmente, a convenção Baron (em que naipes de 4 ou mais cartas são anunciados *naturalmente* pelo abridor e pelo respondente) tem vindo a perder popularidade em favor do Stayman, e, embora seja difícil avaliar qual das duas terá mais adeptos entre nós no panorama actual, estou convencido que esta tendência se irá acentuar cada vez mais (quanto mais não seja porque hoje em dia é maioritariamente o Stayman que os novos praticantes aprendem).

Quanto à voz de 3♠, a tendência moderna é utilizá-la não com o significado acima, mas - de forma mais racional - como alguma espécie de *transfer* menor, seja específico (paus) ou inespecífico. E mesmo a voz de 3ST, que à primeira vista não poderia ter outro significado que

não o de uma conclusão natural, pode (e na minha opinião *deve*) ser utilizada como um transfer para ouros (permitindo usar 3♠ especificamente para mostrar paus).

Quanto às vezes acima de 3ST, é normal utilizar 4♣ como Gerber (pergunta de ases) e 4ST como quantitativo; e, na ausência de outra combinação, as vezes ao nível de partida (4♥/4♠/5♣/5♦) como naturais. No entanto, mesmo esta utilização natural pode e deve ser posta em causa, já que constitui um desaproveitamento flagrante do espaço de marcação que já de si é tão exíguo. Voltaremos a esta temática mais adiante.

## 4.2. Stayman.

### 4.2.1. Stayman simples e variações.

A possibilidade de o abridor ter um maior quinto, como já foi dito, coloca o problema de localizar um eventual fit 5-3 nesse naipe. O Stayman na sua variante mais simples (a 3 respostas)

Stayman a 3 respostas
3♦ = sem maior quarto
3♥ = 4♥+ (podendo ter também 4♠)
3♠ = 4♠+ (sem 4♥)

*ignora* este problema, não permitindo ao abridor esclarecer se tem 4 ou 5 cartas no seu maior (o mesmo se passando, aliás, com o Baron).

Tal como sobre a abertura em 1ST, existe uma variante "à francesa" do Stayman, com 4 respostas:

Stayman a 4 respostas
3♦ = sem maior quarto
3♥ = 4♥+ sem 4♠
3♠ = 4♠+ sem 4♥
3ST = 4♥+4♠

Esta variante também não permite detectar um eventual fit 5-3, mas, por razões que adiante exporei, parece-me preferível à anterior. De qualquer modo, a adopção de qualquer destas variantes deverá ser feita com a consciência de que se está sistematicamente a *prescindir* da localização de um maior quinto no abridor.

O "Puppet Stayman" pretende resolver esta questão com um esclarecimento imediato da parte do abridor relativamente a naipes quintos:

"Puppet Stayman"
3♦ = com maior quarto (1 ou 2)
3♥ = 5♥
3♠ = 5♠
3ST = sem maior quarto

Sobre a voz de 3♦, a convenção preconiza que o respondente dê voz ao nível 3 no "outro" maior, isto é, naquele em que *não tem* 4 cartas; ou que dê 3ST se tiver os dois. Esta abordagem artificial justifica-se perfeitamente pelo objectivo de permitir ao abridor (a mão forte) ficar como declarante. Concretizando:

Sobre 3♦:

$$3♥ = 4♠$$

$$3♠ = 4♥$$

$$3ST = 4♥ + 4♠.$$

Claro está que esta acrescida precisão do "Puppet Stayman" não vem isenta de custos. Utilizando o Stayman simples (a 3 ou 4 respostas, para o caso tanto faz), as mãos do respondente com 5-4 nos maiores podem ser descritas começando por 3♣ Stayman, e, após a voz de 3♦ do abridor (já que se a resposta for outra o fit está encontrado), anunciando um maior ao nível 3. À semelhança do que se passa com a abertura em 1ST, também aqui é vantajoso adoptar a convenção *Smolen*, que consiste em dar voz *no naipe de 4 cartas*, i.e.: 3♥ = 4♥ + 5♠, 3♠ = 4♠ + 5♥ (o que permite transferir o carteio para o abridor). Usando o "Puppet Stayman", a resposta do abridor quando não tem maior quarto (nem quinto) é ao nível de 3ST, o que não deixa espaço para o respondente descrever o seu 5-4 abaixo de 3ST.

Para concretizar ideias, vamos deixar de lado o "Puppet Stayman" e analisar agora quais os desenvolvimentos possíveis após um Stayman simples.

#### 4.2.2. Rebides do respondente sobre 3♦.

As vozes até 3ST são, utilizando o *Smolen*,

$$3♥ = 4♥ + 5♠$$

$$3♠ = 4♠ + 5♥$$

$$3ST = \text{conclusão}$$

(ou invertendo o significado das duas primeiras se se preferir um tratamento "natural"). E quanto às vozes acima de 3ST? Sem entrar em grandes artificialismos, um tratamento lógico é utilizar 4♣ e 4♦ como naturais, com 5 cartas ou + e interesse por cheleme; 4ST como voz quantitativa natural, numa mão (semi-)balançada sem menor longo. Quanto a 4♥ e 4♠, cujo significado natural não tem utilidade nesta sequência (uma mão com 6-4 nos maiores tem a alternativa de passar por 3♥ ou 3♠ e marcar 4 no naipe longo se o abridor responder 3ST; ou mesmo de prescindir de jogar no naipe quarto e, em vez do Satyman, fazer um *transfer* para o naipe longo), poderão ser utilizadas de forma artificial com um significado mais específico.

Sobre as vozes naturais de 4♣ ou 4♦, deve o abridor poder mostrar um "misfit", reservando para esse efeito a voz de 4ST? Ou 4ST pelo abridor deverá ser antes um Blackwood imediato (estando o menor do respondente implicitamente estabelecido como trunfo)? Ambos os tratamentos são razoáveis, trata-se mais uma questão de "estilo", que cada par deverá estabelecer da forma mais coerente com o seu sistema geral. De qualquer modo, uma sugestão que faço é que, mesmo que se adopte 4ST como "misfit" (mostrando apenas 2 cartas no menor do respondente), pode o respondente (quando, mesmo assim, queira seguir para cheleme) "responder" a esse 4ST como se de um Blackwood se tratasse (e nomeadamente incluindo o rei de trunfo nas respostas se a versão adoptada for "a 5 chaves").

#### 4.2.3. Rebides do respondente sobre 3♥ ou 3♠.

As vozes de 3ST e de 4 no maior anunciado são obviamente *naturais*. Por uma questão de coerência e de simplificação, recomendo também que se considerem como naturais as vozes de 4♣ e 4♦ (mostrando 5 cartas ou +) e de 4ST (quantitativo, e não Blackwood). Em relação às duas primeiras, a questão do eventual misfit do abridor (já abordada no ponto anterior) coloca-se de forma análoga, devendo ser usado o mesmo tratamento num caso e noutro.

Os rebides "no outro maior", 3♠ e 4♥, poderiam logicamente ser usados de forma artificial para mostrar fit no maior do abridor e interesse por cheleme.

No entanto, na versão do Stayman simples *a 3 respostas*, em que a voz de 3♥ não nega 4♠, o rebide de 3♠ deveria ser reservado para, mostrando 4♠ do respondente, averiguar sobre a existência do fit 4-4 ainda possível nesse naipe. Note-se que isto é verdade mesmo que o rebide de 3ST permita inferir a existência de 4 cartas de espadas (o que depende do esquema de *transfers* menores adoptado, não se aplicando no caso de se usar 3ST imediato como *transfer* para ouros, o que obriga a passar por Stayman todas as mãos que queiram concluir em 3ST, mesmo sem maiores quartos), já que em todo o caso o respondente pode ter uma mão *forte demais* para dar 3ST não forcing.

Pela minha parte, para evitar esta complicação, prefiro utilizar o já referido Stayman *a 4 respostas*, em que a resposta de 3♥ nega 4♠ (sendo usado 3ST pelo abridor para mostrar 4-4 nos maiores), o que permite usar o rebide de 3♠, como sugerido, para dar o fit a copas e convidar a cheleme.

A utilização destes rebides (3♠ e 4♥) permite ao abridor ter qualquer coisa a dizer sobre a perspectiva de ir para cheleme, o que não deixa de ser útil (mesmo que a zona de força da abertura tenha uma amplitude de apenas 1 ponto). Para mostrar um mínimo, o abridor deverá dar 4♠ sobre 4♥, mas no caso do trunfo ♥ a situação é mais favorável, podendo usar 3ST sobre 3♠ para esse fim (preservando a possibilidade de o respondente mesmo assim fazer uma investigação de controles, sem queimar as vozes de 4♣ e 4♦).

Uma outra possibilidade, que de resto não é incompatível com o atrás referido, é utilizar os rebides de 4♠ (sobre 3♥) e de 5♣ (sobre 3♠) como Blackwood imediato estabelecendo simultaneamente o fit no maior anunciado pelo abridor. (Aliás, para quem não queira prescindir de usar o Stayman *a 3 respostas*, esta pode ser a única via para seguir para cheleme nesse naipe, pelo menos no quadro de um sistema essencialmente natural como o aqui proposto).

### 4.2.3. Rebides do respondente sobre 3ST.

Adoptando o Stayman a 4 respostas, a voz de 3ST do abridor mostra *ambos os maiores*. Como deve o respondente prosseguir perante esta voz? Note-se que está implícita a existência de fit pelo menos num dos naipes (a menos que, conforme explicado em 4.4, o Stayman tenha sido feito sem maior quarto, como "compasso de espera" para marcar 3ST; mas nesse caso o respondente agora limitar-se-á a *passar*).

Uma abordagem relativamente simples é usar as vozes de 4♥ e 4♠ como conclusões naturais, e atribuir às vozes livres de 4♣ e 4♦ o significado artificial de convite a cheleme com fit a ♥ e a ♠ respectivamente. A desvantagem é ficar o carteio do lado do respondente. Uma outra hipótese seria utilizar 4♣ e 4♦ como transfers, de força ambígua, para estabelecer o naipe de trunfo pela ordem indicada. Sobre uma correcção normal do abridor (em 4♥ e 4♠, respectivamente), o respondente passaria ou prosseguiria por meio de Blackwood ou o que quer que fosse. (De qualquer modo, como o transfer seria neste caso *dois níveis abaixo do naipe*, haveria ainda que estabelecer *se e em que casos* poderia o abridor quebrar o transfer, dando a voz no nível intermédio, 4♦/4♥).

## 4.3. Transfers maiores.

### 4.3.1. Correcção simples e super-correcções.

Tal como sobre a abertura em 1ST, a utilização pelo respondente de uma voz de transfer não promete absolutamente *nada* em termos de força. *A priori*, isto pode sugerir que haja da parte do abridor uma certa circunspecção, não ultrapassando de ânimo leve o "nível de segurança" de 3 no trunfo. E na verdade suponho que a maior parte dos jogadores reservam a utilização de uma voz de *super-correcção* para as mãos com um apoio de 4 cartas (ou 5...).

É razoável jogar assim. E no entanto, não resisto a propor uma abordagem, que, embora à primeira vista possa parecer demasiado "radical", pesando bem os prós e os contras me parece mais vantajosa a longo prazo. (Não se trata, aliás, de uma ideia recente, já que, com algumas variações, pode ser encontrada no clássico de Roudinesco "Comment Gagner en Tournoi par Paires").

A ideia base consiste em o abridor fazer a correcção simples com exactamente *duas* cartas no maior do respondente. Com *três ou mais* cartas, e portanto com garantia de existir um fit pelo menos oitavo, faz uma super-correcção (já veremos como).

Um inconveniente óbvio é que, desde que o abridor esteja fitado, já se fica obrigado ao nível de *partida*. Isto é, o respondente só consegue jogar em *parcial* no seu naipe (passando à correcção simples do abridor) precisamente quando o apoio é o mínimo (2 cartas) já prometido pela abertura.

A vantagem é a clarificação imediata que esta abordagem proporciona. Note-se que esta clarificação ocorre não só quando o fit no maior fica logo estabelecido, mas também, por inferência, no caso contrário: é que, quando o abridor mostra ter só duas cartas, o leilão fica simplificado quer no que respeita à localização de um fit em menor, quer na continuação para cheleme no maior do respondente, que normalmente já só ocorrerá quando este tiver 6 ou mais cartas do mesmo.

Como é feita a super-correcção? Também esta questão, por razões de espaço, é mais delicada do que sobre a situação homóloga sobre a abertura em 1ST. Uma hipótese simplista seria algo como: 3ST com 3 cartas, e 4 no trunfo com 4 (ou 5). Mas esta hipótese enferma do problema óbvio de, no último caso, se consumir desnecessariamente todo o espaço para anúncio de controles ao nível 4.

Uma segunda hipótese seria, em lugar de saltar para 4 no trunfo, anunciar o controle mais económico. Mas o defeito desta solução é que o abridor *não sabe ainda* quais são as ambições do respondente quanto ao nível do contrato. E sendo assim, o anúncio "gratuito" de um controle pode perfeitamente não passar de um bónus para os adversários, sempre que o respondente não esteja interessado em cheleme - que é, aliás, a situação mais frequente. (Já bem basta ter que partilhar esse tipo de informação com os adversários quando isso decorre das necessidades "legítimas" de investigação do cheleme...).

Melhor do que qualquer das hipóteses anteriores é usar artificialmente como voz de super-correcção o *primeiro nível livre acima de 3 no trunfo*. A vantagem é que se conserva o espaço para anúncio de controles, do qual no entanto apenas se fará uso *se* o respondente estiver para aí virado.

A questão de distinguir ou não entre um fit de 3 cartas e de 4 (ou +) poderá ser deixada ao arbítrio de cada par. Se é certo que o conhecimento de um fit de nove ou mais cartas constitui um elemento de avaliação fundamental, que pode muitas vezes ser o determinante para a decisão de seguir para cheleme ou não, a verdade é que esta distinção, a ser feita, tem como custo um nível do espaço de marcação.

Por outro lado, nada obsta a que se mantenha a possibilidade de utilizar o salto para 4 no trunfo com um significado mais específico, como por exemplo o de um fit de 3 cartas (ou +) mas

prometendo controle (à primeira ou à segunda) em *todos* os naipes laterais - o que, dada a zona de força da abertura, nem sequer será uma raridade.

Concretizando ideias, e supondo que se opte por não distinguir sistematicamente entre 3 ou 4 cartas de apoio, o esquema de rebides do abridor poderá ser:

3 no naipe do respondente = 2 cartas

1º nível acima (3♠/3ST, respectivamente) = 3 cartas ou +

4 no naipe do respondente = 3 cartas ou +, com controle em *todos* os naipes laterais

(Se se preferir fazer a distinção do número de cartas quando fitado, poder-se-á por exemplo usar 3ST para mostrar 3 cartas, e 3♠/4♣ para mostrar 4 ou +).

#### 4.3.2. Rebides do respondente após uma correcção simples.

Como já foi referido, o facto de o abridor ter mostrado exactamente duas cartas no maior do respondente acarreta uma significativa clarificação do leilão. As opções por parte do respondente (para além do *passse*, não esquecer) são:

- (a) Marcar partida em sem trunfo ou no seu maior
- (b) Procurar um fit em menor
- (c) Pesquisar cheleme no seu maior
- (d) Pesquisar cheleme em sem trunfo

Relativamente à opção (a), normalmente a decisão será função do número de cartas no seu maior: 3ST com apenas 5 cartas, 4 no maior com 6 ou +. No entanto, é uma decisão que já só passa pelo respondente, não pelo abridor.

Quanto à opção (b), ela fica inerentemente simplificada. Quando o respondente tiver um naipe menor de 5 cartas pode inferir a existência de um fit nesse naipe (pelo menos 5-3). E mesmo que tenha apenas 4 cartas, também a investigação do fit vai ser mais simples pelo facto de o abridor já não ter que esclarecer a questão do fit no maior, questão esta que ficou arrumada - pela negativa - com a correcção simples.

A opção (c) ocorrerá quando o respondente, tendo 6 ou + cartas no seu naipe, queira prosseguir para cheleme nesse naipe embora contando só com duas cartas de apoio do abridor, e a opção (d) poderá passar pelo uso de uma marcação quantitativa em sem trunfo.

Um esquema (quase) natural para abranger todas estas opções poderá ser o seguinte:

3ST e 4 no maior do respondente: conclusão

4 em naipe menor: natural, 4 cartas ou +

"o outro maior" (3♠/4♥, respectivamente): 6 cartas ou + no maior do respondente, com intenção de cheleme

4ST: quantitativo (geralmente com um 5332)

Sobre uma voz de 4 em menor, o abridor deverá dar 4ST quando nesse naipe tiver apenas 3 cartas (2 normalmente não terá, a menos que tenha resolvido abrir com um 5422 ou 6322), caso contrário anunciará o seu controle lateral mais económico. (Em particular, se este calhar em 4 no maior do respondente, trata-se meramente de mostrar que o seu doubleton é de ás ou rei, e não de um desejo súbito de jogar nesse maior - embora o respondente, de posse dessa informação, possa excepcionalmente decidir *passar* a essa voz....). E mesmo sobre a voz de 4ST do abridor, o respondente pode, quando tiver 5 ou + cartas no menor, continuar o leilão, podendo por exemplo estabelecer-se que as suas vozes constituam respostas a um Blackwood "involuntário" posto pelo abridor.

Sobre uma voz "no outro maior", mostrando um unicolor com intenção de cheleme, o abridor tem ainda, à semelhança do já referido a propósito do Stayman, a possibilidade de mostrar ou não algum sinal de entusiasmo (o que, note-se, deve ser considerado à luz de já ter transmitido a "má notícia" de ter apenas 2 cartas do naipe).

Poderá causar alguma estranheza o facto de se propor esta utilização artificial da voz "no outro maior". Não deveria ela estar reservada para a descrição natural de um bicolor maior do respondente? (Bicolor 5-5, bem entendido, já que os 5-4 podem como já referi ser tratados por Stayman). A verdade é que o espaço de marcação é tão limitado que há que fazer opções. Se tivéssemos que usar estas vozes para uma descrição natural desse tipo, ficaríamos com a situação muito complicada para os referidos unicolores. Por outro lado, há maneiras alternativas razoáveis de tratar esses bicolores 5-5, conforme adiante se verá.

#### **4.3.3. Rebides do respondente após uma super-correcção.**

Estando já estabelecido o fit no maior, o leilão fica obviamente bastante simplificado. Nomeadamente, todas as vozes em naipe lateral já devem ser encaradas como vozes "normais" de cheleme nesse maior, e não como investigações de fit noutra naipe.

Em particular, sobre a super-correcção em 4 no naipe, ao respondente mais não resta do que escolher entre *passar*, pôr um Blackwood, ou, conforme o estilo de leilão de cheleme adoptado pelo par, anunciar controles ou Blackwoods de exclusão.

Sobre outra super-correcção, que conforme referido no ponto anterior poderá calhar em 3ST ou em no primeiro naipe lateral (3♠/4♣), há espaço para anúncio de controles ao nível 4. No entanto, um pormenor que não deve ser negligenciado é o de *quem fica como declarante*. É que o "desrespeito" do transfer pelo abridor faz com que ainda ninguém tenha dado voz no naipe de trunfo. E se, para concluir em partida, o respondente tiver que dar 4 no trunfo, passa para si próprio o carteio - o que ainda é mais grave neste caso do que no da abertura em 1ST.

A solução para isto é reservar a voz *abaixo* de 4 no trunfo (4♦/♥, respectivamente) para um *novo transfer*, desta vez com correcção *obrigatória* por parte do abridor. O único problema é: usando 4♦/♥ desta forma artificial, como é que o respondente pode mostrar um controle a ouros/copas (respectivamente)? A solução, naturalmente, é usar *por troca* para esse efeito *a voz que ficou livre*, nem mais nem menos do que ... 4 no trunfo. Ou seja, numa sequência 2ST-3♥-3ST-4♠, o respondente está a mostrar uma mão com interesse por cheleme, com controle a copas (!) e sem controle nos menores, já que saltou as vozes disponíveis de 4♣ e 4♦. O abridor com uma mão como ♠RD5 ♥V43 ♦AR2 ♣ADV deve sentir-se na obrigação de continuar o leilão. (Claro que um entendimento deste tipo, propenso a lapsos de memória, não é para parcerias de ocasião...).

Quando o respondente tem interesse por cheleme e decide enveredar pela via do anúncio de controles, a questão da colocação do carteio (no abridor ou no respondente) fica provisoriamente em aberto e pode vir a ser resolvida de forma mais ou menos aleatória pelas vicissitudes do próprio anúncio de controles ou das vozes subsequentes (Blackwood e outras interrogativas). Há no entanto duas possibilidades que restam ao respondente para o objectivo de transferir o carteio para o abridor. Uma é prescindir *a priori* da investigação de controles e começar por fazer o *re-transfer* ao nível 4, como já referido, mas continuando (com Blackwood, etc.) sobre a correcção obrigatória do abridor. Uma outra, mas que requer entendimento prévio, é estabelecer que, enquanto nenhum dos jogadores deu voz no naipe de trunfo, a marcação do cheleme pelo respondente pode ser feita também ela em *transfer* (!). Isto é, se após alguma(s) interrogativa(s) o abridor vir o parceiro marcar *seis no naipe abaixo do trunfo*, deverá interpretar essa voz meramente como significando "parceiro, carteia tu" e rectificar em conformidade.

#### 4.4. Transfers menores.

##### 4.4.1. Que transfers?

Conforme já atrás referi, recomendo que sejam utilizados transfers *específicos* para os menores, ou seja 3♠ para *paus* e 3ST para *ouros*. A adopção deste transfer para ouros obriga a que, para jogar 3ST, o respondente tenha que passar sempre por um Stayman (seguido de 3ST sobre qualquer resposta do abridor - ou de passe sobre a resposta de 3ST, se adoptada).

Na minha opinião, a simplificação do leilão daqui decorrente compensa os inconvenientes, que são:

- O risco de esquecimento, que na prática ocorre principalmente do lado do respondente (dando 3ST "normalmente" sem se lembrar que tinha que fazer Stayman). (Uma nota à parte: na eventualidade de uma tal ocorrência, é impróprio por parte do abridor "diagnosticar" o engano do parceiro com base na *celeridade* da marcação de 3ST - aliada à relativa raridade da utilização de transfers menores).
- A descrição desnecessária da distribuição do abridor no que se refere aos maiores, decorrente da utilização "forçada" do Stayman.

A utilização destes transfers menores é feita normalmente com mãos unicolores, embora conforme adiante descreverei se possa incluir adequadamente na voz de 3♠ os bicolores menores completos (5-5 ou +). A força do respondente é ambígua, sendo inclusivamente possível (embora raro) que com uma mão muito fraca ele tenha a intenção de jogar apenas ao nível 4.

##### 4.4.2. Correção simples e super-correcções.

Sendo a voz de transfer dada *dois níveis* abaixo da voz no menor, o abridor dispõe de um nível intermédio utilizável como super-correcção (3ST/4♣), que neste caso não acarreta a elevação do nível do leilão. Analogamente ao caso dos transfers maiores, e embora as situações sejam diferentes, também aqui recomendo que o abridor faça uma super-correcção desde que tenha um fít de pelo menos 3 cartas:

3ST/4♣: 3 cartas ou + no menor do respondente

4♣/4♦: 2 cartas no menor do respondente

Por um lado, quando o respondente tiver 6 ou + cartas no menor, o conhecimento de um fit de 3 cartas em face constitui um elemento de avaliação importante. Por outro lado, o critério fica uniforme relativamente aos transfers maiores, e portanto de memorização facilitada. Mas a principal vantagem está em que esta abordagem permite lidar adequadamente com os bicolores menores (5-5 ou +) do respondente.

Efectivamente, suponhamos que a voz de 3♠ mostra um unicolor a ♣ ou um bicolor menor. Se o abridor der 3ST (super-correcção, mostrando 3 ou + cartas de paus), há fit neste naipe em qualquer dos casos. Se der 4♣ (mostrando só 2 cartas de paus), o respondente também está bem colocado, pois com a mão unicolor trata-se simplesmente de digerir a "má notícia" de o apoio ser o mínimo já prometido pela abertura balanceada, e com a mão bicolor pode inferir a existência do fit a ouros (pelo menos oitavo).

#### 4.4.3. Rebides do respondente após uma correcção simples.

Pelo acima exposto, o esquema de rebides do respondente neste caso poderá, além da opção do *passé*, conter o seguinte:

- 4♦ (sobre 4♣): bicolor menor, estabelecendo o fit a ♦
- 4♥ ou 4♠: controles (com mão unicolor)
- 4ST: Blackwood (idem)
- 5 no menor anunciado: conclusão

#### 4.4.4. Rebides do respondente após uma super-correcção.

Neste caso, a opção de desistência pelo respondente (ainda possível, apesar do "encorajamento" de 3 cartas ou mais em face) é feita anunciando 4 do menor já mostrado. No restante, o esquema apenas difere do anterior pelo facto de o fit já estar encontrado, pelo que a voz de 4♦ (sobre 3ST do abridor) pode ser usada também como controle; além disso, sobre a mesma voz de 3ST, a continuação do respondente para cheleme em paus já não promete um unicolor, podendo ser feita, encontrado que está o fit, com uma mão bicolor. O esquema completo será:

- 4♣/4♦ (sobre 3ST/4♣, respectivamente): desistência
- 4♦ (sobre 3ST), 4♥ ou 4♠: controles

4ST: Blackwood

5 no menor anunciado: conclusão

#### 4.4. Outras vozes.

As vozes acima de 3ST devem ser utilizadas pelo respondente para mostrar certos tipos de mãos não enquadráveis nas outras sequências. Em particular, pretender manter as vozes de 4 em maior como conclusões naturais, quando se dispõe da alternativa de passar por um transfer (que além do mais permite colocar a mão forte como declarante), é neste caso um luxo injustificável (mesmo que o respondente seja - ou se julgue - um carteador mais competente).

Um esquema básico possível é o seguinte:

4♣: *Gerber* (pergunta de ases)

4♦: bicolor maior (5-5 ou +)

4♥: 5♣+4♦

4♠: 5♦+4♣

4ST: quantitativo

Alguns pontos a salientar:

- A voz de 4♣ como *Gerber* é clássica, e pode ser dada com diversos tipos de mãos fortes que não necessitem de uma descrição distribucional do abridor (nomeadamente unicolores com naipe autónomo).
- Sobre 4♦, o abridor meramente manifesta a sua preferência entre os dois maiores. No seguimento, o respondente pode passar ou prosseguir para cheleme (tipicamente por um Blackwood) com o fit estabelecido. Repare-se que esta é, no esquema proposto, a única maneira de o respondente mostrar explicitamente um 5-5 maior, e tem a desvantagem óbvia de não deixar espaço para anúncio de controles. Uma outra opção, mas sem garantia de eficácia a 100%, é o respondente começar com optimismo por um Stayman, e, se não surgir o *jackpot* de o abridor anunciar um maior quarto, prosseguir por um "*pseudo-Smolen*" em que finja ter apenas um 5-4. Se vier de lá a voz fatídica de 3ST, mesmo assim ainda nem tudo está perdido: pode por exemplo ficar estabelecido que após uma tal sequência a voz de 4 no "outro maior" (aquele em que se fingiu ter 4 cartas) mostre tardiamente um verdadeiro 5-5 com intenção de cheleme.



- Sobre as vozes de 4♥ e 4♠, um esquema possível por parte do abridor é:

4ST = misfit (23 trocado nos menores);

1º nível em naipe: fit a ♣, funcionando como Blackwood;

outros níveis: fit a ♦, funcionando como *respostas* a Blackwood.

(Note-se que o respondente só dá estas vozes de 4♥ e 4♠ com distribuição 5422 ou 5431; com 5440 começa por Stayman, e com 64xx ou 55xx é mais adequado começar por um transfer menor).

\*\*\*\*\*

Os esquemas aqui propostos não são perfeitos, nem têm qualquer pretensão nesse sentido. No entanto, constituem em minha opinião uma solução de compromisso globalmente satisfatória, em particular quando comparada com um sistema mais natural, em que a gestão do reduzido espaço de marcação é menos eficaz.